

O desenvolvimento das funções superiores expresso na literatura infantil de Quintana

Maria Alice Alves da Motta*

Sônia da Cunha Urt**

Resumo

O presente artigo busca analisar a constituição do sujeito enfocando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Trata-se de um estudo de caráter documental, desenvolvido na abordagem histórico-cultural da Psicologia, tendo como fonte de pesquisa a obra *Lili inventa o mundo*, de Mario Quintana. A análise revelou que há uma concepção de infância presente na obra que se aproxima do referencial histórico-cultural, por evidenciar que o sujeito se constitui ao apropriar-se da cultura nas relações educativas que estabelece ao longo de sua vida. Refuta-se a concepção de que a imaginação é inerente à criança a partir da consideração de que a imaginação é uma função psíquica superior constituída no processo de interação e apropriação.

Palavras-chave: Funções superiores – Infância – Constituição do sujeito – Poesia.

The development of higher mental functions expressed in Quintana's children literature

Abstract

This essay intends to analyze the constitution of the subject focusing on the development of higher mental functions. It is a documental study of the book *Lili inventa o mundo*, by Mario Quintana, developed on the theoretical principles of the historical-cultural Psychology. The analysis revealed that there is a conception of childhood in the book that approaches the

¹ Mestranda da PPGEdu/UFMS.

² Professora da UFMS/CCHS/DCH/ PPGEdu.

historical-cultural referential, by evidencing that the subject constitutes himself through the internalization of culture in the educational process. The conception that imagination is inherent to the child is rejected on the basis that imagination is a higher mental function developed in the process of internalization.

Keywords: Higher mental functions – Childhood – Constitution of the subject – Poetry.

El desarrollo de las funciones mentales superiores expreso en la literatura infantil de Quintana

Resumen

Este artículo pretende analizar la constitución del sujeto enfocando el desarrollo de las funciones mentales superiores. Es un estudio de carácter documental basado en la obra *Lili inventa o mundo*, de Mario Quintana, desarrollado desde el aporte teórico de la Psicología histórico-cultural. El análisis indicó que hay una concepción de infancia planteada en el libro que es próxima de la teoría histórico-cultural, por presentar que el sujeto se constituye través de la apropiación de la cultura en el proceso educativo. La concepción de que la imaginación es natural en el niño es rechazada, pues la imaginación es una función psíquica superior que se constituye en el proceso de internalización e apropiación.

Palabras claves: Funciones mentales superiores – Infancia – Constitución del sujeto – Poesía.

Introdução

O objetivo deste estudo é analisar o processo de constituição do sujeito a partir da apropriação da cultura que se dá na relação entre a criança e o adulto (que caracteriza uma relação educativa), com foco na imaginação como função psíquica superior. O referencial teórico utilizado foi a psicologia histórico-cultural de Lev Semenovitch Vigotski e o lócus de pesquisa,

¹ O próprio autor tinha preferência por grafar seu nome sem acento agudo. Respeitamos sua intenção.

² É o caso de “Lili inventa o mundo”. A obra é composta de uma seleção de textos

a obra “Lili inventa o mundo”, de Mario Quintana¹. Trata-se, portanto, de um estudo de caráter documental. Essa obra foi selecionada por retratar cenas do universo infantil, além de sua publicação ser destinada a crianças.

A questão da existência de uma “literatura infantil” é bastante discutível, pelo fato de o adjetivo supor que a literatura feita para crianças adquire um sentido de menor complexidade, o que se revela inverídico quando se constata, por exemplo, que muitas obras poéticas destinadas a crianças são, na verdade, excertos de poemas originalmente escritos sem essa destinação².

Inicialmente foi realizada a leitura da obra para posteriormente selecionar poesias que estivessem mais estreitamente relacionadas à questão da constituição do sujeito. Assim, foram descartadas aquelas que representavam cenas exclusivamente com animais, a natureza ou que se referiam à questão da metalinguagem³. A amostra restringiu-se, portanto, aos seguintes textos: *A princesa; Manuela; Mentiras; e Essa não!*. Os referidos textos poéticos foram selecionados por retratarem a relação da personagem com pessoas mais velhas, o que caracteriza uma relação educativa, além de abordarem aspectos como a linguagem e a imaginação.

Infância e cultura: a abordagem histórico-cultural

A perspectiva histórico-cultural da Psicologia inicia-se com as proposições de Lev Semenovitch Vigotski⁴ (1896-1934). O psicólogo russo teve uma vasta produção no curto período em que estendeu sua vida, pois morreu aos 37 anos. Devido à sua morte prematura, há o caráter inacabado dessa abordagem, o que proporciona que outros autores desenvolvam idéias que, de fato, não pertencem ao corpo teórico original, provocando

poéticos originalmente publicados em outras obras. A seleção e organização sequencial dos textos é de Mery Weiss.

³ A categoria “metalinguagem” foi elaborada para designar textos em que o poeta discorre sobre o próprio fazer poético.

⁴ Em relação à grafia do nome do autor, preferimos apresentá-la com a letra I. No entanto, nas citações mantivemos a grafia conforme consta na publicação.

⁵ Original em espanhol. A responsabilidade pela tradução é nossa.

muitas distorções a respeito de suas idéias. Aspecto essencial e freqüentemente esquecido quando se fala nas teorizações de Vigotski é o caráter profundamente marxista que é o paradigma de sua obra. Para ele, o psiquismo humano é essencialmente histórico; portanto, a forma de abordá-lo deve ser através de uma metodologia histórica. A Psicologia infantil foi seu objeto de estudo por possibilitar compreender a gênese das funções superiores e a história do comportamento.

Segundo Vigotski (2004), o desenvolvimento do indivíduo e das funções psicológicas superiores que o caracterizam estaria intimamente relacionado com a base dos processos mediados, ou seja, culturais. O pensador russo estabelecia uma analogia entre os processos psíquicos naturais, correspondentes às funções psíquicas inferiores, e as funções psíquicas superiores, cujo salto qualitativo é possibilitado pelo caráter de mediação do que ele denomina “instrumentos psicológicos”, representados pela cultura.

Inicialmente Vigotski chamava esses mediadores de *instrumentos psicológicos* ou *estímulos-meios*, cuja função é organizar o comportamento. Posteriormente, passou a chamá-los de *signos*, no sentido de “portadores de significado” (Vigotski, 2004). A origem do pensamento é a atividade humana, que é interiorizada de forma mediada por meio dos signos; a palavra é considerada o signo por excelência. É essa mediação do signo que transforma qualitativamente as funções psíquicas inferiores em funções superiores. Não se deve perder de vista a relação do signo com a atividade da qual ele surge; assim, a dimensão da atividade humana, ou seja, as condições concretas de existência do homem inserido na cultura são determinantes de sua consciência e do desenvolvimento de suas funções psicológicas.

O homem é compreendido como produto e produtor do meio, fazendo-se nessa relação. Assim, as formas psicológicas superiores (aquelas que são próprias do homem) deveriam ser estudadas a partir das relações sociais. As funções psicológicas superiores (atenção, imaginação, memória, pensamento, linguagem) são, num primeiro momento, interpósíquicas e, posteriormente, intrapsíquicas, a partir de uma relação dialética entre elas. “Qualquer função psicológica superior foi externa – significa

que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas” (Vigotski, 2000, p. 25). Note-se que relações sociais, para o psicólogo russo, implicavam relações historicamente situadas:

A palavra social em aplicação no nosso caso tem muitas significações: 1) mais geral – todo o cultural é social; 2) sinal – *fora* do organismo, como instrumento, meio social; 3) todas as funções superiores constituíram-se na filogênese, não biologicamente, mas socialmente. [...] (Vigotski, 2000, p. 26-27).

A cultura é compreendida como todo elemento criado artificialmente pelo homem; artificial em oposição a natural, que existe na natureza. Daí a denominação de histórico-cultural para sua abordagem. Compreende-se, então, que a constituição do sujeito se dá na e pela cultura, que é apropriada através da relação que a criança estabelece com os adultos – um processo educativo por excelência.

De acordo com Vigotski, na infância precoce existe uma unidade entre as funções sensoriais e motoras, sendo cada percepção freqüentemente seguida pela ação. O caráter afetivo seria o responsável por essa unidade (Vygotski, 1996). Para o psicólogo russo, afirmar que a imaginação é uma forma primária e inata de pensamento não-verbal, conforme postulava Piaget, é incorreto:

[...] vemos que não só o aparecimento em si da linguagem, mas também os momentos cruciais mais importantes em seu desenvolvimento, são ao mesmo tempo momentos cruciais também no desenvolvimento da imaginação infantil (Vigotski, 1999, p.122-123).

Assim, para Vigotski, é o surgimento da linguagem que possibilita o pensamento desvinculado diretamente da situação, característica básica da imaginação. A imaginação assim concebida está estreitamente ligada às formas de pensamento verbal, e não o oposto, como afirmava Piaget.

Vigotski salienta que, além da linguagem, outras situações sociais de desenvolvimento possibilitam que a imaginação,

enquanto função psíquica superior, seja desenvolvida. Um dos espaços em que esse desenvolvimento pode ocorrer é a escola. Além disso, o autor aponta o papel do afeto no desenvolvimento da imaginação. No entanto, esta função não se restringe simplesmente a uma forma de expressão dos afetos, uma vez que o pensamento lógico também possibilita essa expressão e a imaginação pode, igualmente, servir ao pensamento dirigido numa atividade de planejamento, por exemplo. A imaginação deve ser considerada uma função complexa que guarda estreita afinidade com o pensamento, pelo fato de desenvolver-se e ter como momentos cruciais o surgimento da linguagem e o período da idade escolar (Vigotski, 1998).

O desenvolvimento da imaginação possibilita que a criança supere a percepção como forma primitiva de conhecimento e apreensão da realidade.

Tal é a gênese do desenvolvimento da linguagem infantil. Vemos, portanto, que a nova formação deve sua origem às relações da criança com os adultos, à colaboração com eles. São eles os que impulsionam a criança a uma nova via de generalização, ao domínio da linguagem, etc. E o domínio da linguagem leva a uma configuração nova de toda a estrutura da consciência (Vigotski, 1996, p.356-357)⁵.

Portanto, é a relação com os adultos – que configura uma relação educativa – que possibilita à criança, ao apropriar-se da cultura, desenvolver suas funções psicológicas mais complexas, entre elas, a imaginação. Conforme afirma o autor, é através dos outros que nos transformamos em nós mesmos; as atividades hoje concebidas como internas foram, outrora, atividades externas (Vigotski, 2000).

Literatura como fonte de pesquisa

A questão da utilização da literatura como fonte de estudo é, muitas vezes, posta em discussão. Esse questionamento é

⁶ Quintana refere-se aqui ao livro escrito em 1806 por Charles e Mary Lamb, que transpõem algumas das mais conhecidas peças teatrais de Shakespeare para a forma

levantado principalmente com base no argumento de que a literatura expressa fatos inventados, imaginados e não propriamente vividos. Em relação a esse ponto, é interessante trazer à tona a questão de como a arte literária, sendo ficção, pode ser objeto de estudo para as Ciências Humanas. Lopes e Galvão (2001) colocam a necessidade de se problematizar as fontes, discutindo e pensando suas condições de produção. As autoras evidenciam a literatura como um dos mais amplos universos quando se pensa em fonte para pesquisa. Mesmo que sua maior utilização seja em relação aos conteúdos estéticos, aos poucos a literatura se torna objeto de estudo das Ciências Humanas, remetendo à discussão do limite entre ficção e realidade. A obra literária não é simples reflexo da realidade: trata-se de um aspecto do real reinterpretado e reelaborado. No entanto, mesmo essa reinterpretação não pode ser compreendida de forma desvinculada do momento histórico que a produziu; o autor interpreta com sensibilidade e elaboração estética a sociedade em que está inserido.

Assim, há um caminho a ser explorado na interface entre Psicologia e Educação. O próprio Mario Quintana assim expressa a relação entre ficção e realidade: “Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada em arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão” (Quintana, 2000, p. 11). Ou ainda “A mentira é uma verdade que esqueceu de acontecer” (Quintana, 1983, p. 6).

A utilização das expressões artísticas na investigação em Psicologia já havia sido apontada por L. S. Vigotski quando, em 1915, iniciou estudos sobre a Psicologia da Arte, trabalho que só foi publicado em 1925. O autor desenvolveu trabalhos dedicados especificamente à literatura, como a análise do romance *Ana Karenina*, de Leon Tolstoi, além de estudos sobre a obra de Fiodor Dostoiévski e, o mais conhecido, sobre *Hamlet*, de William Shakespeare (publicado na edição brasileira de Psicologia da Arte e, posteriormente, em edição separada). Em outro texto, *O método instrumental em Psicologia*, de 1930, o psicólogo russo cita as obras de arte como exemplo de instrumento psicológico que teria a função ordenadora do comportamento humano (Vigotski, 2004).

Vigotski (1999) considera relevante o potencial da obra de arte para o estudo dos processos psicológicos superiores. Para ele, a riqueza e a elaboração da linguagem expressas na literatura podem ser consideradas uma reconstrução metafórica de aspectos da realidade que a sensibilidade do escritor nos revela e que não percebemos de forma objetiva. Mario Quintana revela compreensão dessa possibilidade trazida pela obra de arte quando manifesta:

Nem é cada leitor, em suas diferentes idades, que nunca lê o mesmo livro... É cada século, cada época. No século passado, em seus contos tirados de Shakespeare, Charles Lamb⁶ não se deu conta de *lady* Macbeth procurando lavar de suas mãos sonâmbulas um sangue inexistente — coisa que hoje, depois de Freud, não deixaria de impressionar os mais bisonhos leitores (Quintana, 2000, p. 22).

Portanto, a arte literária, por ser um material produzido a partir da subjetividade de um autor trabalhada de forma estética, pode ser material rico para se pensar a constituição do sujeito. Nas palavras de Vigotski:

Verifica-se, pois, que a poesia ou a arte são um modo específico de pensamento, que acaba acarretando o mesmo que o conhecimento científico acarreta [...] só que o faz por outras vias. A arte difere da ciência apenas pelo seu método, ou seja, pelo modo de vivenciar, vale dizer, psicologicamente (Vigotski, 1999).

Essas considerações confirmam o potencial da literatura como via para se produzir conhecimento, especialmente na interface entre Educação e Psicologia. Da mesma forma, apresenta-se como fonte importante para se abordar a constituição do sujeito naquilo que tem de singular, o sujeito constituindo-se como

narrativa de contos. A obra foi traduzida pelo próprio Mario Quintana e publicada pela editora Globo em 1943.

⁷ *A Rua dos Cataventos* (1940); *Canções* (1946); *Sapato florido* (1948); *O batalhão das letras* (1948); *O aprendiz de feiticeiro* (1950); *Espejo mágico* (1951); *Inéditos e esparsos* (1953); *Poesias* (1962); *Antologia poética*; organização de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos

produto e produtor de sua cultura.

Diversos estudos têm sido realizados a partir de obras literárias, normalmente com foco na análise literária propriamente dita, como aspectos particulares da linguagem e da poética de alguns autores. Outros estudos propõem uma interpretação psicológica para fatos e personagens revelados na obra literária. É o caso de Silva (2005); Silva (2006); e Barroco (2005). Tais autoras buscam evidenciar o papel da arte literária como mediadora no processo pedagógico, seja de formação de professores, de psicólogos ou, ainda, em processos de intervenção na escola. A obra literária também tem sido utilizada para investigar as funções superiores do psiquismo humano, como memória e criatividade. Nesse sentido, podemos citar os estudos de Barroco e Tuleski (2006). Análises tendo como foco a infância e a literatura foram objeto de Lemos (2002) e Garcia (2006).

Especificamente sobre Mario Quintana, podemos citar os estudos de Sorrenti (1998), Yasuda (1999) e Jorge (2001), envolvidos em programas da área de Letras e tendo como objeto de pesquisa poemas do autor dedicados à infância.

Um pouco de Mario Quintana

Mario Quintana publicou vinte livros de poesia em vida; cinco deles, poemas dedicados à infância. Apenas *Pé de pilão* e

(1966); *Caderno H* (1973); *Pé de pilão* (1975); *Apontamentos de história sobrenatural* (1976); *Quintanares*; obra poética completa (1976); *A vaca e o hipogrifo* (1977); *Prosa & verso*; antologia (1978); *Na volta da esquina* (1979); *Esconderijos do tempo* (1980); *Nova antologia poética* (1981); *Lili inventa o mundo* (1983); *Mário Quintana*; Coleção Melhores poemas, seleção de Fausto Cunha (1983); *Nariz de vidro* (1984); *O sapo amarelo* (1984); *Primavera cruza o rio* (paradidático), organização de Maria da Glória Bordini (1985); *Diário poético* (1985); *Nova antologia poética* (1985); *Baú de espantos* (1986); *80 anos de poesia*; antologia (1986); *Da preguiça como método de trabalho* (1987); *Preparativos de viagem* (1987); *Porta giratória* (1988); *A cor do invisível* (1989); *Antologia poética de Mário Quintana*; seleção e apresentação de Waldir Ayala (1990); *Velório sem defunto* (1990); *Sapato furado* (1994); *Anotações poéticas*; Mário Quintana (1996); *Antologia poética*; seleção de Sérgio Faraco (1997); *Água*; os últimos textos de Mário Quintana, organizado por Elena Quintana (2001); *Mário Quintana*; poesia completa. Organizado por Tânia Franco Carvalho (2005).

⁸ Excusez du peu (fr): Desculpe o pouco. Frase irônica, com que se insiste sobre o preço excessivo de alguma coisa. Dicionário de expressões *Michaelis*. Disponível em: <www2.uol.com.br/michaelis/expressoes.htm> Acesso em: 5 de maio de 2007.

O *batalhão das letras* foram elaborados essencialmente com poemas inéditos. São, ao todo, 38 livros publicados⁷ com autoria de Quintana, sendo quatorze deles antologias, além de uma obra póstuma. Há, ainda, poemas de Quintana em paradidáticos elaborados com antologias de poetas brasileiros: *Palavra de poeta*, *Faz de conto*, *Pé de poesia* e *Palavras de encantamento*.

Ninguém melhor que o poeta para falar sobre si mesmo:

Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal coisa que me aconteceu. E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo. Bem! Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão. Ah! mas o que querem são detalhes, cruezas, fofocas... Aí vai! Estou com 78 anos, mas sem idade. Idades só há duas: ou se está vivo ou morto. Neste último caso é idade demais, pois foi-nos prometida a Eternidade. Nasci no rigor do inverno, temperatura: 1 grau; e ainda por cima prematuramente, o que me deixava meio complexado, pois achava que não estava pronto. Até que um dia descobri que alguém tão completo como Winston Churchill nascera prematuro – o mesmo tendo acontecido a sir Isaac Newton! *Excusez du peu*⁸... Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que acho que nunca escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de auto-superação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros? Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese. Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem das palavras. Talvez concorra para esse meu cuidado o fato de ter sido prático de farmácia durante cinco anos. Note-se que é o mesmo caso de Carlos Drummond de Andrade, de Alberto de Oliveira, de **Érico Veríssimo** – que bem sabem (ou souberam) o que é a luta

⁹ *Quintana: anjo poeta*. RBS TV.

¹⁰ O projeto foi organizado pela Profa. Dra. Soraya Bragança e pela Profa. Dra. Verli Petry Silveira.

amorosa com as palavras (Texto escrito para a revista *Istoé* em 14 de novembro de 1984. Publicado em Quintana, 2000, p. 11)

Sua poesia, considerada simples por alguns, revela aspectos profundos da subjetividade humana, freqüentemente com humor, característica marcante em seus textos. A reflexão sobre si e sobre o fazer poético são temas recorrentes de sua poesia, cujas influências remetem a poetas românticos e simbolistas (Quintana, 2006).

O poeta faleceu em 1994 e vem recebendo diversas homenagens póstumas, como a produção em DVD *Quintana: anjo poeta*, série composta de cinco programas, além de depoimentos e trechos de gravações inéditas⁹. A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul organizou os *Jogos literários*¹⁰, um projeto em parceria com a TV Educativa de Porto Alegre. Participaram da gincana de perguntas 77 escolas no estado do Rio Grande do Sul durante todo o ano de 2006.

Imaginação e infância por Mario Quintana

As pessoas sem imaginação
podem ter tido as mais
imprevistas aventuras, podem
ter visitado as terras mais
estranhas. Nada lhes ficou. Nada
lhes sobrou. Uma vida não basta
apenas ser vivida: também
precisa ser sonhada.
(Quintana, 1983, p. 3)

Assim inicia Quintana “Lili inventa o mundo”, publicado em 1983. Trata-se de um livro de poemas que tem como fio condutor os pensamentos e a maneira de ver o mundo, próprias da menina Lili. Essa personagem está presente em diversos textos poéticos em outras obras. Em poemas diversos, Lili tem idades diferentes. Por vezes trata-se de uma criança de cinco

¹¹ A categoria “metalinguagem” foi elaborada para designar textos em que o poeta discorre sobre o próprio fazer poético.

anos (Quintana, 2006); outras, uma criança de sete anos (Quintana, 1983) ou, ainda uma menina menor (Quintana, 1984). Conforme o próprio autor afirma, Lili surgiu pela primeira vez no livro *Sapato florido*, de 1948. Segundo ele, a menina teima em reaparecer em outros textos (Marchi, 2006). A obra é composta de epígrafes, sonetos, prosas poéticas e versos livres.

A seleção dessa obra deveu-se ao fato de retratar cenas do universo infantil tendo como personagem principal uma menina pequena. Inicialmente foi realizada a leitura da obra para posteriormente selecionar poesias que estivessem mais estreitamente relacionadas à questão da constituição do sujeito. Assim, foram descartadas aquelas que representavam cenas com animais, elementos da natureza ou que se referiam à questão da metalinguagem¹¹. A amostra restringiu-se, portanto, aos seguintes textos: *A princesa*; *Mentiras*; *Manuela*; *Essa não!*. Os referidos textos poéticos foram selecionados por trazerem a questão do desenvolvimento da linguagem e do pensamento, do mundo de faz-de-conta ou retratarem a relação da personagem com pessoas mais velhas.

Já no primeiro verso Quintana aborda a estranheza da menina quando lhe perguntam seu nome: “Ué! Mas todo o mundo sabe...” (Quintana, 1983, p. 4). O fato de as pessoas com quem convive e outras pessoas adultas (que muitas vezes a criança nem conhece) chamarem-na pelo nome é compreendido pela criança como se seu nome fosse de conhecimento de todos. Para Vigotski (1999) essa fase, denominada por Piaget de fase do egocentrismo, é uma etapa do desenvolvimento da consciência da criança, na qual ela não compreende a diferença entre o que ela pensa e os adultos pensam. Da mesma forma, em *Manuela*, há outra expressão do pensamento da menina: “‘Manuela é o nome da mulher do sapo’, sentencia Lili. E não adianta perguntar por quê. ‘Todo o mundo sabe...’” (Quintana, 1983, p.24). A poesia expressa, assim, um conceito explicado por Vigotski: a criança pequena ainda não tem consciência de que o que ela pensa pode não ser o mesmo que os adultos pensam ou compreendem.

Na prosa poética *Mentiras*, Quintana diz que “Lili vive no

mundo do faz-de-conta” e narra brincadeiras inventadas pela menina, que faz-de-conta que um objeto é um avião, depois um trem (Quintana, 1983, p. 6). Inicialmente, as brincadeiras das crianças são dominadas pela percepção que têm dos objetos e pelas propriedades destes. A criança cria situações fictícias transferindo propriedades de um objeto para outro, e nem todo objeto pode ser tomado como passível de ser utilizado como brinquedo (Vygotski, 1996). A partir do terceiro ano de vida, torna-se possível a brincadeira com elementos da imaginação; a criança consegue, ao mesmo tempo, brincar sem perder de vista o verdadeiro significado dos objetos, conforme aponta Quintana ao final do texto: “No auge da confusão, levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha” (Quintana, 1983, p. 6). Essa possibilidade de inventar torna-se possível pelo fato de a linguagem já se encontrar imbricada com o pensamento:

Torna-se compreensível que, junto com cada passo na conquista de uma mais profunda penetração na realidade, a criança vai se libertando, até certo ponto, da forma mais primitiva de conhecimento da realidade que antes conhecia (Vygotski, 1998, p.129).

É como se, ao longo da obra, Quintana apresentasse momentos distintos da menina, nos quais se podem assinalar pontos importantes de sua constituição, nos quais as funções psíquicas superiores estão se desenvolvendo: primeiramente, não há distinção entre o que ela pensa e o que os adultos conhecem; posteriormente, com o desenvolvimento da linguagem, torna-se possível a invenção de jogos de faz-de-conta. Em *Essa não!* O autor subverte a relação em que, necessariamente, são os adultos que transmitem às crianças os saberes.

Lili teve conhecimento dos antípodas, na escola. Logo que chegou em casa, começou a deitar sabença pra cima da cozinheira. Falou, falou, e, como visse que Sia Hortênsia não estava manjando nada, ergueu no ar o dedo explicativo:

- Imagine só que quando aqui é meio-dia lá na China é meia-noite!
 - Credo! Eu é que não morava numa terra assim...
 - Mas por que, Sia Hortênsia?
 - Uma terra onde o dia é de noite... Cruzes!
- (Quintana, 1983, p. 32).

Lili aprende um novo conceito na escola (os antípodas) e pretende transmiti-lo à cozinheira, que não o compreende. Corrobora-se o papel da escola na formação humana, pois a cozinheira não consegue estabelecer relações desvinculadas de seu contexto imediato, fazendo referência apenas à realidade por ela conhecida.

[...] o desenvolvimento da linguagem constitui um forte impulso para o da imaginação. A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesma algum objeto que não tenha visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites (Vigotski, 1999, p. 122).

De fato, não é Lili quem inventa o mundo, mas os adultos inventam um mundo no qual significados distintos são apresentados à criança e essa mediação possibilita o desenvolvimento da linguagem e da imaginação enquanto funções superiores. O poeta expressa essa idéia: “Um poeta deve escrever como se fosse o último vivente sobre a face da terra. – Então, para que escrever? – Por isso mesmo! Como o último vivente, ele tem de pensar o que pensarão os outros” (Quintana, 2000, p. 146).

Considerações finais

Conforme análise realizada, evidencia-se que a literatura fornece terreno fértil para estudar os processos complexos que ocorrem ao longo de desenvolvimento infantil. No estudo aqui realizado, pôde-se perceber que a personagem surge em textos distintos apresentando características diferenciadas de etapas do desenvolvimento, nos quais se verificam alterações qualitativas nas funções psíquicas superiores, como a percepção, a imagina-

ção, a linguagem e o pensamento.

Em relação especificamente à imaginação, embora alguns autores (como Freud e Piaget, conforme aponta Vigotski, 1998), considerem a imaginação uma forma intrínseca de conhecimento da criança, esse fato não é corroborado pela Psicologia histórico-cultural. Para Vigotski (1996), a imaginação é uma função superior que se desenvolve posteriormente, sendo a criança inicialmente dominada pela percepção. Pode residir aí um dos motivos pelos quais a criança aprecia a poesia ou uma das razões pelas quais o professor deve apresentar a poesia à criança. A linguagem poética propõe imagens inusitadas que, para a criança pequena, não podem existir, pois ela ainda se encontra num período em que é incapaz de inventar (Vigotski, 1996).

A forma poética de se expressar, ao contrário do que alguns teóricos postulam, não é inerente ou natural à criança. Ao contrário, quando a criança diz coisas inusitadas é porque, na realidade, não sabe o significado das palavras, estando palavra e pensamento numa fase em que ainda não se encontram imbricadas. A criança pequena aprecia igualmente poemas com rima pelo fato de estar apegada ao som das palavras.

O fato de se considerar a imaginação uma função inerente à criança isenta a escola e o professor de proporem a seus alunos formas de desenvolvê-la como função superior. A imaginação está relacionada com a criatividade, outra função superior que não é inerente ao ser humano. Da mesma forma, é o desenvolvimento da imaginação, enquanto possibilidade de representação de objetos e realidades ausentes, que proporciona à criança a aprendizagem de conceitos na idade escolar.

Quando o poeta propõe um retorno à infância, na verdade está incitando o leitor a retornar a um período em que as palavras ainda não estavam imbricadas com o pensamento, mas eram apenas palavras: “Melhor não falar e — em vez de escrever qualquer palavra que macularia uma pobre página, ainda nuinha como a verdade — será bom apenas desenhar coisas sem nenhum conceito para atrapalhar” (Quintana, 2000, p. 23). Segundo afirma Vigotski, é o desenvolvimento da linguagem na criança que irá impulsionar — poder-se-ia dizer organizar — as

funções psíquicas superiores, alterando significativamente sua forma de relacionar-se com as outras pessoas:

As novas relações da criança com o meio na infância precoce podem ser compreendidas no estudo do desenvolvimento da linguagem infantil, já que o desenvolvimento da linguagem como meio de comunicação, como meio de compreensão da linguagem dos que a rodeiam, representa a linha central do desenvolvimento da criança dessa idade e modifica essencialmente suas relações com o meio circundante (Vygotski, 1996, p.350).

A cultura é compreendida como toda produção humana, em oposição ao que é natural, ou seja, não tem intervenção humana. É apropriando-se dessas produções humanas através das relações que a criança estabelece relações educativas, portanto que se desenvolvem os processos superiores, conforme evidenciado nesse estudo. Confirma-se a relevância da obra literária como fonte de pesquisa para compreender e explicar os processos que se desenvolvem no psiquismo da criança ao apropriar-se da cultura.

Bibliografia

BARROCO, S. M. S. A família fetichizada na ideologia educacional da sociedade capitalista em crise. In: DUARTE, N. (org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 169-194.

_____. & TULESKI, S. C. Vygotski: o homem cultural e seus processos criativos. 29ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, MG: 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT20-1742—Int.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2007.

GARCIA, M. *Exercícios de ser humano*; a poesia e a infância na obra de Manoel de Barros. Brasília: UnB, 2006. 125p. Dissertação de mestrado.

JORGE, L. M. B. *No tempo da delicadeza*; uma leitura da obra poética infanto-juvenil de Mario Quintana. São Paulo: USP, 2001. 170 p. Dissertação de mestrado.

LEMOS, T. V. *Graciliano Ramos*; a infância pelas mãos do escritor ¾ um ensaio sobre a formação da subjetividade na psicologia sócio-histórica. Juiz de Fora, MG: UFJF/Musa, 2002.

LOPES, E. M. T. & GALVÃO, A. M. O. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (Col.: O que você precisa saber sobre...)

MARCHI, D. M. Brincando com a palavra: reflexões sobre a recepção da literatura infantil de Quintana. *Revista Ciências e Letras*. Porto Alegre, n. 39, p.

72-79, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<http://www.fapa.tche.br/cienciasletras/pdf/revista39/art6.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2007.

QUINTANA, M. *Da preguiça como método de trabalho*. São Paulo: Globo, 2000.

_____. *Lili inventa o mundo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____. *Poesia completa*. In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

SILVA, G. L. R. Psicologia educacional e arte literária: interlocuções para a compreensão dos laços familiares e escolares na atualidade. *29ª Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu, MG: 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT20-2437—Int.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2007.

SILVA, S. M. C. *Psicologia escolar e arte; uma proposta para a formação e atuação profissional*. Campinas/Uberlândia: Alínea/Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

SORRENTI, N. M. *Voz de criança na lírica de Mário Quintana*. Belo Horizonte, MG: PUCMG, 1998. 207p. Dissertação de mestrado.

VIGOTSKI, L. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Psicologia concreta do homem. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, p. 23-44. jul. 2000. [Manuscrito de 1929].

_____. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Teoria e método em psicologia*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Obras escolhidas*. v. IV. Psicologia infantil. Madrid: Machado Libros, 1996.

YASUDA, A. M. B. G. *Poesia e alfabetização: estudo sobre “O batalhão das letras”, de Mario Quintana, e “Pare no P da Poesia”, de Elza Beatriz*. São Paulo: USP, 1999. 178p. Dissertação de mestrado.

Endereço das autoras para correspondência:

Maria Alice Alves da Motta

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação/UFMS

Endereço: Avenida Brasil Central, 477 – Bloco o – apto. 101

Telefone: (67) 3362-9271

79100-380 – Campo Grande-MS

Endereço eletrônico: aliceam@uol.com.br

Sônia da Cunha Urt

UFMS – CCHS – DCH - PPGEdu

Endereço: Rua Fagundes Varela, 69

Telefone/fax: (67) 3384-1661 e (67) 3345 7585

79004-200 – Campos Grande-MS

Endereço eletrônico: surt@terra.com.br

Recebido: 23/11/2008

Aceito: 3/4/2008